

Entre a criminologia crítica e a imaginação criminológica

Entrevista com Jock Young

Maximo Sozzo¹ e David S. Fonseca²

Embora radicado em Nova York por muitos anos, Jock Young era, como ele próprio afirmava, um turista naquela cidade. A aventura na América do britânico – ou mais precisamente do escocês, condição denunciada pelo apelido *Jock* – faz parte do presente folclore anglo-saxão. A concomitante proximidade e afastamento de culturas historicamente tão interligadas ofereceria uma ímpar inserção na suposta “terra das oportunidades”. No seu caso específico, o olhar atento e o distanciamento de quem não havia sido consumido pela rotina desse grande centro lhe garantiam uma posição vantajosa para entender não apenas aquela metrópole, esses países, mas o próprio mundo contemporâneo. No entanto, o descompasso entre o momento da realização dessa entrevista e a oportunidade de sua publicação em português não poderia ser mais acentuado: em novembro de 2013, após uma dura batalha contra o câncer, Young veio a falecer. A atmosfera de otimismo e a expectativa de novas e inquietantes reflexões cedem lugar agora a um clima de desamparo com sua perda. Muito embora o eco de seu discurso ainda tenha muito a ressoar, a criminologia deixa de contar com suas aguçadas críticas e sua postura independente e assertiva. A importância do trabalho de Young para a criminologia havia sido já amplamente reconhecida desde a publicação de *Drugtakers*, em 1971. A análise da interação entre os consumidores de substâncias entorpecentes, a comunidade e a polícia em um bairro londrino permitiu que fossem mais bem

1 Professor da Universidad Nacional del Litoral.

2 Professor da Universidade Federal de Goiás-Campus Jataí (UFG/CAJ) e doutorando no departamento de Sociologia da New York University.

compreendidos os mecanismos de ampliação do desvio pela atuação das agências formais de controle do crime. Na esteira de estudos interacionistas e sobre subculturas, o criminólogo conseguiu produzir uma vívida imagem desses aspectos da vida social e elaborou uma nova perspectiva teórica para sua melhor compreensão.

Um par de anos depois, a publicação de *A nova criminologia*, na companhia de Paul Walton e Ian Taylor, fez com que seu nome entrasse em definitivo para os anais da disciplina. A conjugação de análises micro e macrosociológicas permitiu que a tradição americana das descrições etnográficas viesse a se encaixar em um panorama mais amplo de compreensão da sociedade. Essa obra clássica, traduzida na década de 1970 para o português, reconciliou orientações diversas de pesquisa, forneceu precisas indicações para futuros trabalhos, como os da Escola de Birmingham, e orientou políticas públicas progressistas no campo do controle do crime.

Grande parte da criminologia latino-americana sofreu forte influência dessa obra. A tradição crítica dos estudos aqui realizados se baseou diretamente nas inquietantes reflexões produzidas na década de 1970 naquele ambiente intelectual. O processo de contestação da opressão do aparato penal em sociedades profundamente estratificadas e a busca de novas possibilidades e caminhos para a atuação estatal, tais como o advento do minimalismo penal e a luta por direitos humanos, são tributários da corrente que se origina na abordagem da rotulação e na sociologia do conflito e que se encontra em síntese em *A nova criminologia*.

Os anos 1980, contudo, testemunharam uma mudança de rumo em suas preocupações e atividades. Os embates no interior da própria criminologia crítica, com sua defesa de um realismo de esquerda, e o clima político favorável ao emprego de suas teses nas políticas públicas municipais na Inglaterra o levaram a um engajamento mais direto com a prática na área. Foi o momento propício para repensar o problema da criminalidade em razão de seu impacto na vida social. Essa experiência foi crucial para sua formação intelectual e trouxe à tona preocupações com o efeito deletério da delinquência e de seu controle formal no tecido da vida cotidiana, principalmente para os segmentos menos favorecidos da sociedade.



Com a publicação de *A sociedade excludente*, em 1999, Young retornou seu olhar para aspectos mais teóricos. Nesse trabalho, também já traduzido para o português, o tema de uma sociedade bulímica, que ao mesmo tempo inclui e exclui seus membros, começou a ser explorado. O passo seguinte, em *The Vertigo of Late Modernity*, aprofundou essa discussão com a integração de elementos referentes à globalização e à po-

lítica antiterror adotada por países ocidentais após a derrubada das torres gêmeas. Com a conclusão da trilogia sobre o crime, a punição e o mundo contemporâneo, o autor regressou a suas origens culturais. *Criminological Imagination* veio articular uma dura crítica aos ditames da criminologia atual, colonizada por aspectos quantitativos e anseios gerenciais, e apontar novas direções que permitam retomar a importância de aspectos culturais para a compreensão de fenômenos criminais. Tornou-se, com essas obras, um dos mais refinados analistas das dificuldades, impasses e possibilidades da modernidade tardia.

Recepcionados em seu escritório no John Jay College da The City University of New York (CUNY) em uma agradável tarde de primavera em 2011, demos início à entrevista que se segue. Nela, é abordado seu percurso intelectual. Parte das perguntas já havia sido disponibilizada previamente como um roteiro para a conversa. Alguns outros pequenos encontros ajudaram a elaborar alguns dos pontos aqui trabalhados. A transcrição do texto para o original em inglês passou por uma última revisão conjunta ainda em julho de 2012 para pequenos esclarecimentos e adição de detalhes³. O tom franco e coloquial foi, no entanto, propositalmente mantido. A expectativa é que a entrevista contribua para que seu legado se mantenha ainda presente. Embora sua ausência seja irreparável, suas ideias ainda ajudarão a produzir inúmeros e importantes frutos, inspirando formas irreverentes e criativas de se pensar o problema do crime e da punição.

3 Indispensável o auxílio de Michael Rowan para a preparação e edição do material. Fica aqui consignada nossa mais profunda gratidão ao seu trabalho e apoio para que a presente entrevista pudesse ser publicada.

Maximo SOZZO e David S. FONSECA: No início dos anos 1970, você escreveu, com Ian Taylor e Paul Walton, *A nova criminologia*, um dos livros mais influentes nesse campo. Esse trabalho ajudou a construir uma perspectiva crítica sobre o crime e a punição. O programa de pesquisa que ele buscou promover, explicitado nas últimas páginas da conclusão, era bastante ambicioso e foi desenvolvido de modos diferentes por muitos acadêmicos desde aquele momento. Quais são os maiores legados para nosso presente?

Aquilo que saiu de *Drugtakers*, que publiquei em 1971 depois de pesquisar no final da década de 1960, foi basicamente constituído pelas partes formais de uma explicação que usamos em *A nova criminologia*. O marco de referência que se utilizou nesse livro, portanto, veio de *Drugtakers*. Foi uma tentativa de se juntar dois lados da teoria do desvio americana: a teoria da rotulação e as subculturas. Se me permitirem seguir a sequência daquilo que aconteceu, pode-se dizer que, na verdade, estávamos todos muito impressionados pela nova teoria do desvio. O período da criminologia e da sociologia do desvio americanas entre 1955 e 1965 foi imensamente criativo: [Erving] Goffman, [Howard S.] Becker e [David] Matza, por um lado, e Albert Cohen e Richard Cloward, por outro. Eram dois vieses: um viés era a teoria da rotulação e o outro a teoria da subcultura. O que é interessante, se puder apenas voltar um pouco, é que, em 1959, C. Wright Mills havia publicado *Imaginação sociológica*. Wright Mills fez terríveis previsões sobre o empiricismo abstrato, que afinal, hoje, vieram a se realizar de uma maneira terrível. Mas o resultado imediato da teoria do desvio depois de 1959 não foi nada parecido com o empiricismo abstrato. Foi a perspectiva microssociológica. Se você pensar em Goffman ou em [Harold] Garfinkel e sua etnometodologia, vai perceber que tudo era micro. Na verdade, há algo estranho sobre não haver ali nada de teoria macrosociológica, com exceção daquilo que restou da tradição mertoniana, sobre a qual falarei mais tarde. Então, por que isso ocorreu? Pegue o cara mais inteligente e presciente, Al Cohen, que na reunião da American Sociological Association em 1977 falava do “subdesenvolvimento” da sociologia americana e da sociologia do desvio em particular. O que ele quis dizer era que não havia nenhuma dimensão macro, que os

sociólogos não haviam seguido a linha de [Robert K.] Merton adequadamente e que tudo se resumia a microperspectivas. As únicas pessoas adotando macro perspectivas se resumiam a um pequeno grupo de marxistas. Não que ele fosse marxista, mas esse era o único pessoal discutindo isso. Então, acontece o salto transatlântico. Minha explicação sobre o que ocorreu nos EUA é basicamente o efeito remanescente do macarthismo. Antes eu achava que era um exagero, mas quanto mais me envolvi com o assunto mais convicto fiquei de que estava certo. Quando Paul Lazarsfeld realizou o estudo de *Academic Mind*, em 1958, creio, ele descobriu que o FBI havia entrevistado metade de todos os cientistas sociais americanos nos últimos 12 meses e um terço deles tinha sido entrevistado mais de três vezes. Normalmente se pensa no macarthismo no teatro, no cinema e em coisas do tipo, mas o efeito na academia foi espantoso. Pessoas na antropologia, por exemplo, escreveram teses materialistas sobre situações antropológicas e, então, quando publicaram os livros, estes foram todos retirados de circulação. Várias reescreveram seus programas de curso, um tanto de gente sofreu muito terrivelmente. Por exemplo, uma das reações foi ir para as ciências sociais duras, adotando metodologias quantitativas. A mesma coisa havia acontecido antes, em 1917, com o primeiro Pânico Vermelho, quando a Escola de Chicago passou a ser “científica” e rompeu com as mulheres da Casa Hull, as radicais de lá. Uma delas era Florence Kelley, que traduziu *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Engels. Era extraordinário. O processo inteiro começou com a Escola de Chicago, que era muito boa com a etnografia, mas começou a se tornar científica e conservadora. A mesma coisa aconteceu por volta desse momento posterior e acabou por decapitar a teoria americana. Então, com o salto transatlântico, claro, chega à Grã-Bretanha, e, naquele período, eu não conhecia ninguém que trabalhasse com sociologia que não fosse anarquista, trotskista, marxista, situacionista⁴ ou algo do tipo. Os conservadores eram muito raros. O pessoal mais para a direita eram os social-democratas de esquerda. Era um contexto político completamente diferente dos EUA. Isso permitiu que realmente avançássemos o nível macrossociológico. Fácil e simples, sem sequer pensar sobre isso. Para o Ian, Paul e eu, a *A nova criminologia* era apenas nossas anotações para as aulas. Foi muito reflexivo,

4 A alusão é à Internacional Situacionista, grupo ativista e crítico do final da década de 1960 e que teve entre seus expoentes Raul Vaneigem e Guy Debord, e não à abordagem situacionista – ou, segundo Cicourel e Collins, ao “situacionismo metodológico” – tipicamente Americana e associada à Escola de Chicago a partir especialmente de William I. Thomas (N.E.).

apenas um reflexo do tempo. Nunca vimos o livro como uma grande coisa a ser feita. Era uma expressão da cultura daquele tempo e de como pensávamos as coisas. Tinha uma perspectiva macro e micro. Então o que tomamos da teoria do desvio foi sua natureza dupla, foi a ideia de que se tinha que explicar a ação e reação – por que as pessoas fazem certas coisas e por que elas as rotulam. O que fizemos foi tomar isso e colocar ambos, os atores e os reatores, em uma situação macro. Esses eram os requerimentos formais da teoria do desvio. O formal e o substantivo. O que é interessante sobre o aspecto formal é que se toma C. Wright Mills e o funde com a nova teoria do desvio. Wright Mills falava em *A imaginação sociológica* sobre colocar os indivíduos em uma estrutura social e ambos no contexto histórico da política transformadora. Mas com a noção de natureza dupla da sociologia do desvio, fizemos os dois, analisamos a polícia e a elite, por um lado, e o mesmo com o desvio, pelo outro. Encaixou dessa forma, como duas peças de um quebra-cabeça. Estávamos influenciados por [Alvin] Gouldner no momento em que ele se mudou para Amsterdã. O caso é que Wright Mills e Gouldner, que eram os mais fortes discípulos de Merton, entraram muito no pensamento europeu e produziram uma tentativa similar de lidar com os aspectos macro das sociedades capitalistas. No que tange ao legado imediato, se vocês quiserem dar uma olhada em algo que reproduz aquela estrutura, há *Policing the Crisis*. Sua análise subiu até o Estado, desceu até o ato individual e chegou nas condições dos negros das classes trabalhadoras. Tinha tudo, tinha o inteiro, a ação-reação, cenários micro-macro, como um grande U.

FONSECA: E *Learning to Labor*?

Há uma tendência de se pensar o Centre for Contemporary Cultural Studies [da University of Birmingham] como uma espécie de monolito e, claro, não era nada disso. O aspecto pírrico era característico de Paul Willis. O que Willis enfatizava é que os meninos da classe trabalhadora podiam entender sua própria situação e, então, criavam uma cultura que os prendia a ela. Uma análise pírrica foi recentemente levada a cabo por Philippe Bourgois em *In Search of Respect*.

SOZZO/FONSECA: Desde seu muito lido artigo “Criminologia da classe trabalhadora”, de 1975, teve lugar uma tentativa explícita de evitar o “idealismo de esquerda” como uma perspectiva que, em sua opinião, levou a criminologia crítica para a direção errada tanto em termos políticos quanto teóricos. O “realismo de esquerda” foi o antídoto desenvolvido por você e outros autores para superar o risco para o pensamento crítico sobre o crime e a punição. Essa abordagem foi caracterizada teoricamente por muitos temas e argumentos. Três muito importantes se destacam: “levar o crime a sério”, ou uma crítica do excesso de construtivismo social; “privação relativa”; e o “quadrado do crime”. Quais são hoje suas posições sobre cada um desses temas teóricos?

Talvez seja porque desejo alguma forma de continuidade de narrativa na minha vida, mas não penso no meu trabalho em termos de descontinuidades. Algumas vezes acho, e também vale para o contexto da criminologia crítica, que há momentos em que esquecemos certas coisas e temos que voltar para retomá-las. Duas coisas: com relação ao meu trabalho, sinto que há continuidade, e com relação à criminologia crítica, o que é muito mais importante, acho que há um progresso e que não devemos achar que sejam apenas as pessoas reinventando a roda a cada cinco anos ou coisa parecida. Então, acho que é muito interessante que, enquanto a criminologia crítica parece evoluir, a criminologia ortodoxa está de volta aos anos [19]50, no caso das teorias longitudinais de curso de vida, ou de volta ao século 19, com a teoria da escolha racional. Ela anda para trás, não é progressiva de forma alguma. O realismo de esquerda, levando o crime a sério, é parte da consciência sobre as pessoas que vivem nos guetos, de origem trabalhadora, dos problemas do crime nessas comunidades e certa irritação com aqueles que viviam isolados em algum campus universitário, romantizando sobre quão legal seria se houvesse prostitutas e traficantes ao seu redor. Houve uma forte influência feminista. Lembre-se do grande movimento de nossa época. A teoria macrossociológica americana tinha desaparecido e se restabeleceu no feminismo, desenvolveu-se muito e foi uma forte influência. O feminismo radical foi uma forte influência para partidos polí-

ticos, intelectuais etc. Também uma influência não apenas em se abordar o crime com seriedade, mas também sobre comportamento antissocial. A campanha de tolerância zero, por exemplo, veio do feminismo radical, não de alguém em Nova York. Então, fomos influenciados pelos estudos feministas e eles nos cercavam por todos os lados. Assim, levar o crime a sério. Mas a questão do idealismo de esquerda que acho um pouco irritante é aquela relativa a quem acha que a crítica do realismo de esquerda tem a ver com a crítica da utopia. Olha, a coisa é o idealismo nesse sentido utópico, quando o problema de fato é o idealismo filosófico, a ideia de construtivismo social: é a crítica da ideia de se imaginar que o único problema do crime é sua construção, quando, na verdade, se alguém o ataca na rua, ou qualquer que seja a forma como quiser chamar essa ação, a pessoa efetivamente o ataca.

SOZZO: Pode-se também perceber uma continuidade entre essa ideia e algo que se diz muito em *A nova criminologia*, referindo-se aos custos sociais do ato desviante. Assim, é estranho que para muitas pessoas essa crítica do idealismo de esquerda seja alguma forma de descontinuidade, porque já estava lá.

Claro, era bastante presente in Gouldner. Quer dizer, foi uma parte importante de sua crítica a Merton.

SOZZO: Esse é o debate entre Gouldner e Becker?

Isso, isso mesmo. Estava lá e essa era a divisa.

SOZZO: O segundo tema era a privação relativa surgida naquele momento de *O que deve ser feito sobre lei e ordem?*...

Na verdade não se relaciona tanto intelectualmente, mas parte do problema era que a taxa de criminalidade obviamente vinha subindo por já muito tempo em inúmeros países, muitos países do Primeiro Mundo, e explicar isso apenas por meio de privação econômica seria um tanto ingênuo. Algumas das pessoas mais pobres no Harlem eram mais ricas do que a maioria da população jamais havia sido

na história. Isso é perder o elemento central da questão. Não se pode falar de privação absoluta em certo sentido. Claro, obesidade era um problema, não pessoas morrendo de fome. Não era isso que estava acontecendo. Então, privação relativa. Nós a tiramos parte do Merton, parte de [Walter G.] Runciman, que era muito influente na criminologia britânica, mas não muito conhecido nos EUA.

SOZZO: Ainda sobre privação relativa, você acha que existe alguma descontinuidade na forma como toma Merton como um rebelde cauteloso? Há alguma descontinuidade em sua relação com o trabalho de Merton entre *A nova criminologia* e aquele momento?

Isso é pular um pouco para frente, mas não importa, falemos sobre isso. Al Gouldner foi muito gentil ao escrever a introdução de *A nova criminologia*. Nela, afirmou que, na verdade, Merton foi muito influenciado pelo marxismo e eu achei, dado que Gouldner era um marxista independente, que isso era mais um desejo dele do que uma realidade. Mas o fato é que Merton e Gouldner eram de fato muito, muito próximos. Trocaram correspondência por toda suas vidas, sobre todos os tipos de coisas, incluindo marxismo. Não era alguém que não conhecesse muito bem o Merton. Quando fui rever isso, quando fui escrever recentemente uma nota biográfica sobre ele, vejo que o jovem Merton se considerava socialista. Era um menino da classe trabalhadora, que aprendeu sobre socialismo com o sapateiro da esquina. Sua cópia do *Capital, Volume 1*, tinha 100 páginas de anotações pessoais. Não era alguém que não soubesse nada sobre Marx, mas que estava preocupado em dois níveis: com não ser uma boa ideia ser muito de esquerda nos EUA e, por outro lado, certamente não era uma boa ideia ser um judeu nos EUA. Então ele mudou de nome...

FONSECA: De Skolnick para Merton, certo?

Há uma história ótima com Jerry Skolnick o levando para Ellis Island. Vocês conhecem? Diz a história que Jerry Skolnick levou Merton para a Ellis Island no seu 50º aniversário, creio, e eles conversando e tal, quando o Jerry se vira para Merton e

diz: “Você nunca fala sobre seu judaísmo, né, Bob?” e Merton responde: “Vou te dizer uma coisa: meu nome é Skolnick!”. Ótimo! Mas é muito, sabe?... O que tem que se entender é a situação de ser um judeu da classe trabalhadora. Merton teve problemas com antissemitismo e antissocialismo. Al Cohen teve algum dos problemas de Merton uma geração mais tarde. Havia um sistema de cotas por todas as universidades. Todas as Ivy Leagues tinham sistemas de cotas. Uma situação absurda na academia em que você só podia ter certo número de judeus no maldito departamento, sabe? Você muda seu nome, você fica que nem louco. Durante a Segunda Guerra Mundial, Sue Merton e Bob Merton seguiam a Batalha Britânica com grande atenção pelo rádio de ondas curtas. Estavam preocupados que a Europa caísse e só Deus sabe o que poderia ter acontecido aqui. Certamente havia um arranjo com a Alemanha Nazista e por cima disso todas as formas de tendências antissemitas. Então, tem que se entender, e pensar no Merton mais tarde, quando os arquivos do FBI mostraram que ele era suspeito de montar uma célula comunista em Columbia. O *Daily News* o expôs como um esquerdista. Era um mundo em que se aprendia cautela, o que volta à minha tese do efeito remanescente do macarthismo e esse tipo de coisas. Mas quando se lê *Estrutura social e anomia*, você se depara com essa situação bastante peculiar, que acho absolutamente fascinante. É muito provavelmente o trabalho mais comentado na criminologia, ou mais citado, e talvez mesmo na sociologia, certo? Mas quase ninguém o lê e todas as interpretações são disparatadas. A Teoria da Tensão parece sugerir que existe algo como um ligamento torcido no sistema em vez de uma doença endêmica, mas se você ler o artigo de 1938, ele fala do sonho americano como um calmante para a Adaptação V, que é revolução. Diz que o sonho americano é uma ideologia, no sentido de [Karl] Mannheim. O artigo deixa claro o que ele pensa sobre isso tudo, que é um sistema mal adaptado, esse tipo de coisa. Há uma crise de legitimidade ao final de 1938, o fim da Grande Depressão. Isso é o que Merton está, na verdade, dizendo naquele momento. Agora, o que me interessa é por que esse artigo fascina tanto apesar de ser totalmente contra as tendências da sociologia americana da época. E como, bem, coisas similares são escritas. Eric Goode, por exemplo, escreve sobre a *A imaginação sociológica*, todo mun-

do começa um texto sociológico falando o quão maravilhosa é *A imaginação sociológica*, sem levar em conta aquilo que C. Wright Mills escreve, por certo sem levar em conta sua orientação política. Então se tem esse tipo de situação. Acabo me interessando muito pelo famoso encontro entre Lazarsfeld, Merton e Wright Mills, quando eles tentaram, aliás conseguiram, convencer Wright Mills em janeiro de 1949 a entrar para o projeto deles. Naquele momento, Merton estava à esquerda de Wright Mills, certo? Wright Mills era um liberal. Merton se tornou mais cauteloso e Wright Mills mais esquerdista, certo? Tanto Merton quanto Lazarsfeld estavam trabalhando para o governo em termos de propaganda política. Eram cientistas sociais particularmente compromissados. Wright Mills, não. Ele estava tentando se assegurar de que não seria enquadrado. É um mundo engraçado. Sou fascinado por como essas coisas mudam e, então, o que aconteceu é que essas pessoas reescreveram Merton e ele se reescreveu. Foi isso que aconteceu. Assim, acho que voltar ao jovem Merton é bastante útil.

FONSECA: Então, é mais do que voltar ao Merton, nesse sentido, é voltar ao jovem Merton. É o Merton que encontramos em “Estrutura social e anomia”, certo? Não o Merton do funcionalismo, grupos de referência, não a perspectiva que ele desenvolve mais tarde na vida, não é?

Apesar de vir à tona de vez em quando. Ele sempre esteve muito preocupado sobre como os mais pobres se interessam por descobertas científicas, enquanto os mais ricos não. Sua sociologia da ciência tem um tanto de paralelos, mas não importa... É o jovem Merton. E Cohen sabe disso perfeitamente, já que Cohen era, de longe, o melhor e mais importante aluno de Merton. Ele estava lá na sala em que “Estrutura social e anomia” foi apresentado, certo?

SOZZO: E o que dizer de Richard Cloward nesse caso?

Cloward... Então, eu não sei. Dick Cloward deveria ter sido o real descendente político de Merton, não deveria? Foi a pessoa que realmente tentou levar o sonho americano a sério e, claro, seu escritório acabou invadido pelo FBI porque o *Daily News* declarou que ele era comunista

e esse tipo de coisa... Tanto tempo antes que sua esposa, Francis Fox Piven, tenha... Bem, há esse negócio acontecendo com ela agora... O mesmo aconteceu com ela... Estou tentando descobrir porque Merton e Cloward não se falavam. Alguma coisa deu errado e pode ser que Merton tenha se tornado cada vez mais convencional. E ele se tornou. Quero dizer, no final das contas o pessoal passou a não gostar dele, pelo que posso entender. Como Frieda Adler me disse: “Desculpa dizer isso, Jock, mas ele soava cada vez mais e mais inglês”.

SOZZO: Voltando para a origem da criminologia realista de esquerda, como fica o quadrado do crime?

O quadrado do crime, acho, foi apenas incorporar a vitimização. Naquele tempo era uma influência. Antes de mais nada, era um triângulo com infrator, vítima e Estado, que depois se dividiu entre sistema formal e informal. Aquele tipo de realismo. É algo de que realmente gosto e me interessa. Não compreendo totalmente, mas há algo de sociologia formal nisso. É Simmel, certo? É dizer que há coisas que, não importa em que cultura você esteja, ainda tem que ser explicadas. Existem problemas formais de explicação. E eu acho que é um ganho. Por isso situá-las no macro. Há quatro vértices, não apenas um duplo. Coloca-se a coisa toda no sistema macro. Acho que é um grande ganho.

SOZZO: Nesse sentido, você se vê hoje em dia como alguém que endossa essas, digamos, mais importantes ideias do realismo de esquerda nos anos 1980 e 1990?

Acho que havia um perigo. Um dos perigos era esquecer os ganhos trazidos pelo construtivismo social, esqueceram o nível em que as estatísticas sociais são construídas. Houve todos esses problemas. Isso rebate novamente e parte do movimento de voltar à criminologia cultural foi conseguir o equilíbrio da coisa, mas sem perder o realismo de esquerda. O realismo de esquerda começou em Islington, Londres, quando políticos que conhecíamos viraram para mim e John Lea e disseram: “Pois bem, camaradas, estamos no poder agora. O que vamos fazer com o crime?”

Foi um período muito interessante, porque foi o momento em que Thatcher era primeira-ministra e o governo central era neoliberal, mas havia bandeiras vermelhas por todos os pontos de Londres, Birmingham e Liverpool. Havia um forte movimento para a esquerda nas cidades. O tipo de coisa de: “Bom, vocês se chamam criminólogos, o que vão fazer sobre o assunto?”, sabe? Fomos pegos, jogados no meio disso. Foi muito orientado por políticas públicas e impulsionado pela política.

SOZZO/FONSECA: É possível ser “realista” nas políticas de controle do crime depois da emergência do Novo Trabalho inglês e dos Novos Democratas americanos e seu apoio a muitas iniciativas conservadoras? O que esse tipo de abordagem implica para nosso presente? Ainda é possível – no contexto da politização do controle do crime em sociedades como o Reino Unido e EUA – influenciar as tomadas de decisão a partir de círculos acadêmicos?

Ficamos muito, mas muito perturbados com o que aconteceu com o Novo Trabalho. Todos ficaram. Acho que o mesmo vai acontecer com Obama. Infelizmente, a mesma coisa já está acontecendo. Quer dizer, Tony Blair costumava escrever sobre uma abordagem socialista para o crime e nunca mais usou a palavra socialista depois que assumiu.

FONSECA: Apenas se tornou mais duro...

Isso, isso mesmo, apenas ficou mais duro. Não sei. Quer dizer, o Partido Trabalhista, em geral, em todo manifesto sobre prisões, dizia querer reduzir a população prisional. E fez o oposto. Todos os tipos de coisas terríveis aconteceram. Mesmo ideias como exclusão social, que é um conceito muito, muito interessante – sua possibilidade como ideia é tremenda, não? –, foram reinterpretadas da forma mais direitista possível. Por exemplo, se pensarmos no debate do momento nos EUA sobre o reingresso, em que se fala sobre como fazer com que os prisioneiros retornem para o sistema, para a comunidade, enquanto a comunidade foi esmagada pelo sistema. É muito mais importante pensar sobre como se inclui a comunidade antes de pensar sobre o que está acontecendo com o retorno

de pessoas para ela, porque ela não mais existe. Pois, então, era uma ideia muito progressista e, na verdade, a interpretação na Escócia era mais progressista do que na Inglaterra e na França. Supunha-se ser boa, mas não funcionou muito bem. Olha, havia lá muitas ideias potentes e interessantes, nas quais estávamos muito envolvidos e que muito moldaram nosso pensamento. O que foi muito estranho para todos nós, meio que voltando um pouco, foi a revanche positivista, porque houve um período em que estávamos quase absolutamente seguros de que tínhamos acabado com eles. Tínhamos nos livrado deles, não iriam retornar, seria tolo. Houve um tempo em que parecia que nunca mais emergiriam. Aí há uma coisa interessante que volta ao salto transatlântico, pois, se você reparar, a criminologia britânica e a americana são muito, muito diferentes. Isso é muito estranho porque são os dois países com a maior proporção de infraestrutura de pesquisa e ensino, mas apresentam resultados diferentes e isso não acontece com astrofísica ou qualquer coisa do tipo. Se você dá uma olhada no nível de referência mútua entre, digamos, o *British Journal of Criminology* e a *Criminology*, está por volta de 2%. Não dá para imaginar uma revista de cardiologia com esse problema, dá? Isso sugere algo sobre a ciência e a possibilidade do estudo científico do crime. Esse estranho positivismo se instalou nos EUA em uma escala estonteante. Seria errôneo sugerir que tenha algo a ver com a captura. Caso se pense na Open University, que é a maior, provavelmente a maior, universidade de ensino à distância do mundo, ela é total e completamente à esquerda. Se você olha os maiores departamentos de criminologia, com exceção de Cambridge, que sempre foi um departamento governamental e, então, não se espera muito dele, a criminologia crítica ainda é uma tendência muito forte. Aqui, nos EUA, não é mesmo. É, em vez disso, como um pequeno gueto. É um gueto tolerado no interior da American Society of Criminology.

SOZZO/FONSECA: Seu livro de 1999, *A sociedade excludente*, foi interpretado como um marco que simbolizou o afastamento de temas e argumentos do realismo de esquerda em seu trabalho. O que você acha dessa avaliação? Qual é a questão ali? O que fez com que você revisasse algumas das perspectivas de antes?

Um dos aspectos iniciais foi o fato de que uma vez que a prática parecia diminuir em termos de possibilidade, como intervenção em políticas públicas, minha tendência foi voltar para a teoria e era uma teoria baseada na desilusão com o Novo Trabalhismo. Assim, *A sociedade excludente* se baseou na ideia de exclusão social, que, como digo, é um conceito muito importante. O problema é, com relação à trilogia, os três livros, eu confundo muito a *A sociedade excludente* com *The Vertigo of Late Modernity*. Não consigo distingui-los de maneira tão clara. São livros muito similares e não sei realmente se há alguma coisa particularmente distinta entre eles. Em *Vertigo*, claro, há um ataque muito forte ao Novo Trabalhismo, à exclusão social. Então, desenvolve-se toda a ideia da sociedade bulímica, a ideia de uma sociedade que absorve gente e depois as ejeta dessa forma, não apenas com deportações, mas em termos de ideias. Isso parte de ideias mertonianas de pessoas aceitando a cultura, o sonho americano, ou o sonho do Primeiro Mundo e, então, descobrindo que não conseguem realizá-lo. Em um sentido muito mais globalizado, parte dos EUA para o restante do mundo, vai através do mundo pelos meios de comunicação globalizados. Há essa situação em que as pessoas absorvem ideias e descobrem que não conseguem alcançá-las ou são rejeitadas de alguma forma.

SOZZO/FONSECA: Como a queda da criminalidade oficialmente registrada nos EUA – especialmente em Nova York – pode ser relacionada com a ideia de uma “sociedade bulímica” apresentada em *A sociedade excludente*? A modernidade tardia está necessariamente relacionada a altas taxas de criminalidade? Em que medida transformações econômicas, sociais e culturais descritas no livro para sociedades como o Reino Unido e os EUA estariam também presentes em outros contextos nacionais? Você acha que são globais em seu alcance? Não existiriam formas diferentes de se tornar “moderno tardio” no globo, por exemplo, centro e periferia? Você acha que isso também poderia ser dito sobre o que acontece com o “crime” e o “controle do crime”?

Uma das coisas que os estudos dos meios de comunicação demonstram é que longe de ficarem apenas assistindo a filmes de ação, as pessoas no Terceiro Mundo estão de olho

nas geladeiras, piscinas e bens de consumo em geral. Parte desse negócio de cultura globalizada é que se torna tremendamente aparente a injustiça disso tudo, pois localização geográfica é apenas uma questão de sorte. Não tem nada a ver com nada, apenas pura sorte. Então, um Merton globalizado sugeriria que você encontrará tensões – que originalmente somente existiam nos EUA, depois no Primeiro Mundo, para se espalhar pelo globo – que deixam as pessoas incomodadas, em virtude das extraordinárias disparidades de renda que ocorrem ao redor do mundo.

FONSECA: Embora se possa dizer que essas disparidades de renda também foram, em certo sentido, globalizadas, certo? Temos também o gueto e os super-ricos nos EUA.

Em suas sociedades, Argentina e Brasil, pode-se encontrar o Primeiro e o Terceiro Mundo. Há ambos, não? Há tanta coisa acontecendo, mas para palestinos, chineses ou indianos no subcontinente há uma privação relativa extrema. Imagina o tipo de satisfação que um indiano altamente educado tem ao atender as reclamações sobre geladeiras de gente em Detroit ou em algum lugar parecido enquanto trabalha no serviço de atendimento ao consumidor. É para se ficar muito irritado.

SOZZO: Um aspecto importante nas sociedades excludentes, a ideia de sociedades bulímicas, é que a modernidade tardia produz altas taxas de criminalidade, mas, hoje, em alguns contextos nacionais, assistimos a uma diminuição da criminalidade, como nos EUA e especialmente em Nova York. O que você acha disso?

Não é que a bulimia não aconteça, nem nunca foi realmente sugerido que a privação relativa levaria necessariamente ao crime, por exemplo. Poderia levar à política, poderia levar a arrebatamento religioso, levar ao Tea Party, poderia acabar de todo jeito. Não é assim, depende da estrutura e da cultura. Então se chega à tentativa de se explicar a queda de crime. O que me interessa aqui é o grau de etnocentrismo americano sobre essa queda. Começou quando estava na American Society of Criminology em São Francisco, quando Al Blumstein apresentou pela primeira vez seu relatório sobre a queda da criminalidade

e passou por todas essas explicações intrincadas sobre as razões pelas quais estava decrescendo. Então, uma canadense levanta a mão e diz: “Na verdade, não temos encarceramento em massa, não temos o declínio da epidemia de crack, não temos tolerância zero e nossa taxa de crime desceu. As curvas são completa e totalmente simétricas entre Canadá e EUA”. E ele ficou incrivelmente mordido de raiva. De verdade. O que ele queria era poder ajeitar os dados, não é? Acho que, na verdade, você adiciona isso ao fato e não é verdade. O etnocentrismo disso tudo é muito louco, porque não somente isso aconteceu em um tanto de países, mas obviamente o etnocentrismo de Nova York é muito extraordinário. Aconteceu em San Diego e Boston. Aconteceu com todos os diferentes tipos de policiamento. Houve disputas para saber quem o fez, mas a taxa de criminalidade estava decaindo antes que o comissário Bratton assumisse e implementasse a tolerância zero e a CompStat⁵. Claro que também estava decaindo no Reino Unido. Faz você pensar. Na verdade, o que realmente me incomoda sobre os positivistas é que, embora finjam serem cientistas, eles não são bons nem mesmo no nível técnico. Eles nem mesmo se empenham de verdade... Quer dizer, aí você tem as estatísticas em língua inglesa ao alcance da mão no computador, basta baixá-las, todos os dados estão lá. Não é minimamente difícil fazer isso, certo? E eles não as levam em conta! Não levam em conta o que está acontecendo também. Aconteceu muito dramaticamente nesse nível. Há de se pensar em termos de algo comum que certamente teve lugar nos países de Primeiro Mundo. Frank Zimring, claro, em *The Great American Crime Decline*, admite que não tem como explicar isso, não consegue fazer. E agora se decidiu que, se não consegue, em vez disso se concentrará na explicação da queda em Nova York, o que é um pouco estranho, para dizer o mínimo. Então quando se procura entender o que aconteceu, acho eu, as coisas que precisam ser olhadas são as grandes mudanças estruturais que ocorreram. Uma das mudanças que tiveram lugar no Primeiro Mundo foi a transição da manufatura para o serviço. Quer dizer, os EUA não tem mais manufatura, com exceção da indústria de armas. Só Deus sabe o que eles fazem. Nada. Produtos financeiros, talvez? Testemunha-se uma mudança na masculinidade. Existem empregos masculinos agora que não são mais daquele tipo de relação confrontacional da fábrica, da construção civil, do tra-

5 Abreviatura de Comparative/Computer Statistics, sistema de administração implantado no Departamento de Polícia de Nova York nos anos 2000 e que é apontado por alguns como elemento central de sua política de redução de criminalidade. (N.E.)

balho pesado no chão de fábrica, e que constroem uma cultura machista. Em vez disso, o bom macho é agora um macho flexível. Não gosto de dizer isso, mas é verdade. O papel masculino se foi, com exceção da polícia, guardas prisionais e forças armadas. O novo homem trabalha na indústria de serviço: é frágil, subserviente, treinado para agradar. O segundo aspecto é a feminização da esfera pública, que é o efeito de longo prazo de tantas mulheres ingressando no mercado de trabalho. Assim, restaurantes, bares e lugares do tipo estão agora cheios de mulheres. É a derivação desse processo. A influência da feminização aconteceu. Acho que essas duas coisas são realmente muito importantes. Também há, não consigo ter clareza nisso... Essa coisa toda do hiperpluralismo. Nova York sempre foi um lugar muito estranho e sempre teve um dos níveis mais altos de imigrantes no mundo, 40% em geral. Ainda hoje tem 40%, o mesmo que em 1900. Mas agora são de todos os continentes, de cada lugar possível. Não há maiorias e possivelmente não há um grupo majoritário em Nova York de qualquer grupo étnico, a não ser que você queira dizer que os brancos são um grupo étnico, o que seria um pouco esquisito. Tem alguma coisa acontecendo, acho, em termos de *alterização*, mas não estou muito seguro. Alguma coisa aconteceu, que é totalmente diferente dos binários do passado, de negro e branco, esse tipo de coisa. Acho que isso já foi. As pessoas estão – os chineses e asiáticos, como se chamam por aqui – sendo reclassificadas como brancas. Há todo tipo de coisas muito peculiares ocorrendo. Acho que em termos de antagonismo social há algo novo. Houve grandes mudanças. Frank Zimring, claro, pensa que nada aconteceu, que não houve mudanças nos últimos 15 anos. Isso não pode ser, olhe pela janela. Não é como costumava ser. Se a gente der uma olhada nas fotos do metrô de Nova York dos anos [19]50 para cá... É só dar uma olhada nas fotos e nas pessoas nelas. Meu Deus, mudou muito.

SOZZO/FONSECA: Observamos diferenças importantes nas políticas criminais entre contextos como EUA e Finlândia, por exemplo. Como podemos explicá-las? Alguns autores escreveram nos últimos anos sobre o “enraizamento” de estratégias de controle do crime, reconhecendo algum nível de dependência desse campo com circunstâncias peculiares passadas e presentes de cada contexto. O que você acha disso?

Óbvio que é verdade. Se pensarmos sobre a Escandinávia e lemos o trabalho de Dario Melossi, quando fala do enraizamento da punição, isso é patente. Com relação ao Reino Unido e EUA, há diferenças, com certeza. Sou muito crítico ao papo de David Garland, que acaba juntando o Reino Unido e os EUA. Culturalmente nos EUA, há uma população afro-americana que passou por gerações de sofrimento. É extraordinário, não é? O nível de segregação não é reproduzido... Quer dizer, sempre disse que o único lugar em que você vai achar esse nível de segregação é talvez em Bradford, onde há grupamentos muçulmanos, muçulmanos sunitas nos vales e brancos nas partes altas, ou algo do tipo. Também em Belfast, onde se tem níveis de segregação muito altos entre católicos e protestantes, mas não em Londres, Birmingham. Nenhuma das grandes cidades britânicas tem uma segregação nem remotamente parecida à dos EUA. Considere as armas e noções de violência, veja a televisão americana com formas tremendas de adulação do combate físico e das forças armadas. Isso não acontece no Reino Unido nesse nível. As pessoas, por exemplo, são muito mais cínicas, menos patrióticas. Depois de se perder um império, claro, tende-se a se ter um certo sarcasmo sobre as coisas. Mas se há diferenças culturais muito fortes entre o Reino Unido e os EUA, também há similaridades. Um dos argumentos em *The Vertigo of Late Modernity* certamente é que a insegurança ontológica e econômica se combinam para criar um nível de punitividade e revanchismo, que são compartilhados embora se comportem diversamente em diferentes países. Não sei se vocês viram no *New York Times* o artigo de Charles Blow que comenta as observações de políticos republicanos nos últimos meses. Um deles sugeriu que “a ameaça de imigrantes ilegais era comparável à Adolf Hitler na II Guerra Mundial” e “guardas de fronteira deviam ser autorizados a atirar para matar”⁶. Outro comparou imigrantes ilegais grávidas a ratos que se multiplicam e dizem que “os recursos para vítimas de HIV deveriam ser cortados porque eles têm um estilo de vida pervertido”, enquanto ainda outro comparava “os negros desempregados a cachorros”.

6 BLOW, Charles M. (29/04/2011), “Silliness and Sleight of Hand”. The New York Times, The Opinion Pages. Disponível (on-line) em: <http://www.nytimes.com/2011/04/30/opinion/30blow.html>

FONSECA: Como você relaciona essa perspectiva ao que Roger Matthews está dizendo sobre a punitividade? Você concorda?

Acho que ele está errado. Em primeiro lugar, porque ele não entende a ideia de respostas contraditórias. Por que alguém deveria se preocupar com o fato de que contradição exista no interior da sociedade? Não consigo entender isso. Você acha que tudo é punitivo? Por que seria? Há todo tipo de contradição acontecendo. Depois, ele pega os dados, por exemplo comparando o gráfico de alternativas à prisão com o gráfico de encarceramento, e o gráfico de alternativas sobe mais rápido que o de prisão. Algo que já sabemos por muito tempo. Mas isso poderia ser facilmente visto como um aumento da rede. Quer dizer, o nível de preocupação com comportamento antissocial no Reino Unido é extraordinário. É como se a onda de infrações com menor potencial ofensivo tivesse sido conjurada para substituir a queda de crime real.

SOZZO: E a resposta política é bastante incomum, se comparada com outros países de Primeiro Mundo. Não se encontra esse tipo de medida contra comportamento antissocial...

Se você tentar explicar isso para as pessoas, elas acham um pouco bizarro. Então eu não tento... E também, digo, a outra coisa que se junta à última, coisas mais recentes, é estar interessado em emoção e revanchismo, como também na psicodinâmica existencial dessas coisas.

SOZZO: Merton com energia...

Isso, a energia. É tentar entender a energia, o sentimento de aversão e ódio que ocorre, certo? Do ressentimento que ocorre...

SOZZO: Nesse sentido, podemos ver hoje em contextos nacionais diferentes o mesmo tipo de, digamos, processos estruturais de insegurança ontológica, insegurança econômica, mas também poderíamos encontrar tipos diferentes de reação individual, de como se reage aos outros, diferentes tipos de outros. Não é o mesmo, por

exemplo, o que acontece nos EUA e aquilo que acontece no Brasil ou na Finlândia. Nesse sentido, podemos pensar que esse tipo de reação dos indivíduos é construída política e culturalmente nesses cenários. Você concorda com essas ideias?

Claro. Estou me dedicando agora à ideia sobre a qual alguém tem que falar uma vez mais: uma sociologia formal, saber se existem similaridades formais, com uma lógica própria, embora sejam inevitavelmente interpretadas na cultura. Não se é nem nomotético nem idiográfico. Não se é nem um, nem outro, certo? Isso é que se necessita, pois não se pode ter algo totalmente idiográfico em que tudo que se possa dizer diga respeito apenas a uma cultura particular, afinal existem muitos paralelos. E destacar essas diferenças... Quer dizer, agora, por exemplo, as discussões sobre o chefe do FMI [*o francês Dominique Strauss-Kahn, que em 2011 foi acusado de abusar sexualmente de uma camareira de hotel em Nova York*]: as disposições dos franceses e americanos sobre transgressão sexual. Não vamos entrar nos detalhes do caso, mas a ideia de que você possa colocar algemas em pessoas que não vão fugir, não podem fugir e os exibir em praça pública... Pode-se ver como, de uma perspectiva francesa, isso parece brutalidade, parece barbárie, não? Há algo claramente vingativo acontecendo, junto com o triunfalismo disso tudo.

SOZZO/FONSECA: A criminologia se afastou de uma perspectiva muito progressista nas décadas de 1960 e 1970 para uma abordagem cada vez mais conservadora nas décadas recentes. Entretanto, tem havido um retorno do interesse em perspectivas críticas, notadamente no desenvolvimento da criminologia cultural. Quais, você acha, são os pontos positivos dessa linha contemporânea de trabalho? Como você relaciona isso com seu trabalho prévio? O que você acredita serem as conexões mais importantes entre a criminologia cultural e o desenvolvimento da criminologia crítica a partir da década de 1970? Quais são os desafios de uma perspectiva crítica na criminologia hoje em dia? Dessa forma, a conexão do seu trabalho com a criminologia cultural nos últimos 10 anos tem algo de um retorno a *Drugtakers*?

Lembro-me de dizer a Mike Presdee que torcia para que ele não pensasse que eu estava caindo de paraquedas nisso tudo e ele disse, polida e gentilmente: “Não, a gente acha que você está voltando para casa”.

SOZZO: Bom, de certa forma, é isso mesmo.

É muito isso mesmo e, claro, acho que em *Drugtakers* a forma como interpretei os efeitos biológicos das drogas foi cultural. Foi uma virada cultural naquela história. Mas, sim, certo, acho que há uma continuidade nisso.

SOZZO: Não há risco de que na literatura da criminologia cultural se evite esse maior engajamento com a teoria social? Voltar a algo que você já disse sobre a década de 1960 e os dilemas daquele momento...

Bem, há um problema. Keith Hayward e eu temos que reescrever o verbete do *Oxford Handbook of Criminology* e comecei a tomar algumas notas das coisas que devemos colocar. Primeiramente, desenvolver o aspecto psicodinâmico, que ainda não o foi. Se pudermos juntar a criminologia cultural e uma psicodinâmica existencial, teremos alcançado algo. Não precisamos de toda a bagagem da teoria psicanalítica e todo aquele tipo de coisa. Além do mais, as políticas públicas são um problema, assim como a análise macrossociológica. A política pública é definitivamente um problema. O romantismo sempre foi um problema.

SOZZO: Em certo sentido, seria retornar aos riscos do idealismo de esquerda.

Não há dúvidas disso, mas não acho que não estejamos cientes disso. Essa é a crítica ao Katz, porque *Seductions of Crime* é um livro maravilhoso, mas é, realmente é, uma empreitada completamente fenomenológica. Totalmente. Tão contra o materialismo de qualquer forma de explicação, embora ele, na verdade, muito estranhamente, coloque muitas coisas no livro que têm esses tipos de qualidades. Não sei. Acho que alguns tentam fazer algo sobre teoria macrossociológica. O romantismo é algo muito importante a se confrontar. Ób-

vio, o pessoal faz coisas na extrema direita, digamos, os nazistas skinheads. Pode-se achar que estejam romantizando um pouco também. Tento pensar nisso, com certeza em *The Criminological Imagination*. Ataco com força o romantismo e desenvolvo uma tipologia da alterização. Então falo da alterização conservadora, alterização liberal, que é uma coisa muito importante, acho, e da alterização romântica, certo? Três tipos de alterização.

SOZZO/FONSECA: Em *The Vertigo of Late Modernity*, você revisa algumas de suas teses anteriores de *A sociedade excluyente*, principalmente no que se referia a substituir uma divisão binária por uma dinâmica bulímica de inclusão/exclusão. Você também apresenta revisões importantes de seu trabalho no seu último livro, *The Criminological Imagination*?

The Criminological Imagination toma a alterização e a transforma em uma crítica de métodos quantitativos. A alterização liberal envolve ver os desviantes como deficientes nas habilidades e virtudes que possuímos e se combina esse déficit com distanciamento social. A alterização numérica envolve medir esse déficit e se distanciar dos sujeitos sendo estudados. Esse distanciamento quantitativo é visto como a base da objetividade científica. Então, o pesquisador não conhece os desviantes, compram-se dados sobre eles de empresas de enquetes e os encontra como uma série de números em uma regressão em uma tela de computador. Assim, se estende a noção de exclusão social da sociedade para a própria pesquisa social. Termina-se com a sugestão de que há duas criminologias: uma que procura ver todo comportamento humano em contextos históricos e sociais, à moda do descrito em *A imaginação sociológica* de C. Wright Mills e que enxerga a ação social como a geração de narrativas a partir de fatos da existência, e a segunda, que busca generalizações nomotéticas com atores determinados independentemente de tempo, lugar e cultura. A primeira é a província da criminologia crítica e, mais recentemente, da cultural, a segunda é aquela do positivismo particularmente prevalente nos EUA. Em certo sentido, essa crítica é a continuação do projeto que começamos 40 anos atrás com a publicação de *A nova criminologia*.

Referências

- BOURGOIS, Philippe. (2003), *In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio*. Nova York, Cambridge University Press.
- HALL, Stuart; CRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony [e] CLARKE, John N. (1978), *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. Nova York, Holmes & Meier.
- KATZ, Jack. (1988), *Seductions of Crime: Moral and Sensual Attractions in Doing Evil*. Nova York, Basic Books.
- LAZARSELD, Paul [e] THIELEN, JR., Wagner. (1958), *The Academic Mind: Social Scientists in a Time of Crisis*. Glencoe, The Free Press.
- MERTON, Robert K. (1970[1938]), “Estrutura social e anomia”. Em: *Sociologia: Teoria e estrutura*. São Paulo, Mestre Jou.
- WRIGHT MILLS, Charles. (1959), *The Sociological Imagination*. Nova York: Oxford University Press.
- TAYLOR, Ian; WALTON, Paul [e] YOUNG, Jock. (1973), *The New Criminology: For a Social Theory of Deviance*. Londres, Routledge/Kegan Paul.
- WILLIS, Paul. (1977), *Learning to Labor: How Working Class Kids Get Working Class Jobs*. Nova York, Columbia University Press.
- YOUNG, Jock. (1971), *Drugtakers: The Social Meaning of Drug Use*. Londres, MacGibbon/Kee.
- _____. (2002), *A sociedade excludente: Exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro, Revan.
- _____. (2007), *The Vertigo of Late Modernity*. Londres, Sage.
- _____. (2011), *Criminological Imagination*. Cambridge, Polity.
- _____. (1975), “Working-Class Criminology”. Em: TAYLOR, Ian; WALTON, Paul [e] YOUNG, Jock (orgs). *Critical Criminology*. Londres, Routledge.
- ZIMRING, Franklin E. (2007), *The Great American Crime Decline*. Nova York: Oxford University Press.